

Editorial

“O Plano Nacional de Educação foi abortado.” É assim, sem meias-palavras, que Carlos Jamil Cury, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e uma das maiores autoridades em política educacional do país, decreta o fim de um sonho para uma geração inteira de educadores. Urdido no início da década passada e aprovado em 2014, embrulhado em panos progressistas com vistas a uma ainda pretendida democratização no acesso e permanência nas escolas com melhora na qualidade de ensino, o PNE não resistiu aos abalos sísmicos da política do país. Junto com esses abalos, que terminaram por comprometer definitivamente as metas financeiras com a imposição do congelamento de gastos sociais por um período de 20 anos, decretado em 2017, foi-se o sonho educacional, restando dele uma série de desafios a serem superados.

Dentre esses desafios, há uma reforma do Ensino Médio que, na perspectiva de longo prazo adotada pelo nosso entrevistado, seria a décima primeira encetada pelos educadores de plantão. E que, como Cury sugere, esta em curso tenderia a reforçar a característica histórica do Ensino Médio dual: aprendizagem técnica profissional para as classes menos favorecidas e ensino propedêutico para a minoria que ingressará nos cursos superiores. Há, também, outros temas pelos quais nosso entrevistado opina, com igual desenvoltura e uma erudição inigualável, mas que nunca deixa de ser didática. Uma vez professor, mesmo aposentado, sempre professor. Confira a entrevista.

Esta edição de *Veras*, o segundo volume de nosso ano 11 de existência, também traz outros seis artigos, sendo quatro deles sobre educação antirracista que, não fosse pelo cronograma e cumprimento rigoroso da leitura cega por pareceristas para aprovação, teriam integrado o Dossiê Educação Antirracista publicado na edição anterior de *Veras*.



Alocados aqui, dialogam com as reflexões e o tema da entrevista da edição passada. Assim, primeiramente temos a contribuição de Sheila Perina de Souza, *A ideologia de branqueamento nas imagens do Antigo Egito: contribuições para práticas de ensino nos anos iniciais*, na qual a pesquisadora analisa o esforço de “embranquecimento” da rainha egípcia Cleópatra, bem como das representações e interpretações históricas relacionadas ao Egito Antigo. Saindo da teoria para a prática, o artigo é finalizado com o relato de uma experiência.

O artigo *Comunidades tradicionais, racismo ambiental e escola: um olhar para as políticas nacionais de educação*, de Lisângela Kati do Nascimento, se debruça sobre o espírito que emana dos principais marcos da legislação educacional, inclusive as Diretrizes Nacionais para a Educação Quilombola, a respeito de educação diferenciada para grupos com suas especificidades, como são as comunidades criadas a partir de quilombos remanescentes. Com esse ponto de partida, a autora entrevistou dez professores de Geografia da região do Vale do Ribeira, no sul do estado de São Paulo, um dos redutos onde se concentram dezenas de quilombos, para constatar que nem o modo de produção sustentável dos quilombos, nem a relação histórica com a preservação ambiental estabelecida por essas comunidades tradicionais estão presentes, como conteúdo ou reflexão, nas escolas públicas da região.

A terceira colaboração sobre Educação Antirracista é de Marília Alves Facco: *Letramento racial nos anos finais da Educação Básica: uma prática pedagógica a partir da perspectiva da educação antirracista*. Nesse artigo, a autora relata a criação e o desenvolvimento didático da disciplina eletiva “Letramento racial: aprendendo a (des)aprender” em uma escola privada de São Paulo cuja clientela é majoritariamente formada por alunos brancos. Não deixam de comparecer ao relato da pesquisadora nem o desconforto de alguns docentes ao refletirem de forma mais aprofundada sobre um tema antes pouco estudado, o racismo estrutural de nosso país, nem a adesão entusiasmada dos estudantes à proposta da disciplina eletiva.

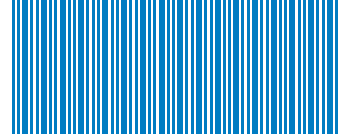


Já Washington Lopes Góes, em *Abordagem das Artes afro-brasileiras e africanas na BNCC: reflexões a partir da Lei n.º 10.639/03*, buscou identificar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) as abordagens e referências bibliográficas relacionadas ao ensino da história e cultura afro-brasileira no componente Artes do documento oficial no quesito currículo. A falta de notícias aqui é uma notícia.

De certa forma também relacionado à questão do racismo é o tema abordado por Lara Cucolicchio Lucatto, Raul Aragão Martins, Luciana Aparecida Nogueira da Cruz e Camila Fernanda Dias Pavaneli no artigo *O apelido nos conflitos interpessoais de adolescentes do Ensino Médio*. Por meio de uma pesquisa qualitativa com 137 jovens do Ensino Médio, os autores discorrem sobre alguns recursos que os professores têm à mão, como o Método Pikas e as Equipes de Ajuda (já citados na entrevista que *Veras* publicou com a pesquisadora Telma Vinhas, no vol. 10, n. 2) para enfrentarem esse tipo de situação na qual o apelido se transforma em bullying.

Implicações do método cartográfico para a educação: a sala de aula como lugar de invenção, escrito por Marta S. Y. Picchioni, parte do conceito de cartografia tal como foi proposto por Félix Guattari e Gilles Deleuze, que é bastante amplo e transcende as noções tradicionais ligadas à criação de mapas pela Geografia, trazendo também os aportes filosóficos de Hannah Arendt e Ailton Krenak, para refletir sobre o fazer cartográfico na escola e as relações, nem sempre harmônicas, entre os corpos e o espaço institucional escolar.

Por fim, esta edição de *Veras* se encerra com o artigo *Práticas de ensino e aprendizagem na educação profissional: desempenho dos discentes em curso de análise e desenvolvimento de sistemas*. Nele, os autores Carlos Vital Giordano, Lucio Nunes de Lira, Marcelo Duduchi Feitosa e Fernando de Almeida Santos investigam a eficiência de práticas apoiadoras ao ensino e à aprendizagem de algoritmos e programação de computadores no contexto de uma instituição pública de nível superior que oferece formação técnica profissional. Sendo essa área de conhecimento, a aprendizagem de algoritmos, uma das que apresentam as mais elevadas taxas de reprovação



e desistência em cursos profissionais de computação, os autores testaram alguns procedimentos de apoio aos alunos, tais como os plantões de dúvida, e os resultados trouxeram diferenciais no desempenho dos discentes pesquisados que utilizaram os procedimentos de apoio, no que tange a notas, aprovações e opiniões sobre a própria aprendizagem.

Esperamos que esta edição de *Veras* traga a você, pesquisador(a) ou professor(a), novas motivações para continuar celebrando, a cada dia, a beleza de ser educador.

Boa leitura!

Regina Scarpa (Diretora Pedagógica do Instituto Vera Cruz),
Ricardo Prado e Gabriela Valente (editores de *Veras*).

